

# O pai, a venda e o nome

Walnice Nogueira Galvão  
Universidade de São Paulo

Tão mineiro quanto seu universo ficcional, Guimarães Rosa assina um curioso texto minimalista versando sobre Minas e os nativos.<sup>1</sup> Em elocubração lírico-devocional, vai alinhavando paradoxos e mais esconde que revela, compondo de certo modo o estereótipo da sonsice comumente atribuída àqueles. Em suma, formam o texto, segundo quem operou esse levantamento, “nove expressões imagéticas (...), vinte-e-seis topônimos escolhidos por suas ressonâncias estranhas ou poéticas (...), sete nomes de rios, sessenta-e-cinco traços de caráter, duzentos-e-sete qualificativos coroando tudo!”<sup>2</sup> Predomina a figura da acumulação, em negaceio de que o leitor não sai mais esclarecido sobre o estado e os conterrâneos, porém convencido do amor que Guimarães Rosa lhes devotava.

Nascendo em Cordisburgo, dizia-se originário do coração de Minas Gerais, até pelo topônimo. Em consonância, embora deplorasse a substituição do nome anterior de Vista Alegre pelo novo, mais pretensioso, este deu-lhe azo para tecer volutas lingüísticas em torno do “burgo do coração”, como fez ao tomar posse na Academia Brasileira de Letras.<sup>3</sup> Entre as faceirices de seu discurso, ressalte-se que Cordisburgo é a palavra inicial e terminal, enquanto o orador lembra que, no meio diplomático, muitas vezes foi chamado não por seu nome mas pelo de sua cidade.

Nela se pode apreciar, ainda hoje, a venda de seu pai reconstituída arquetipicamente naquela que de fato foi a casa em que morou na infância, hoje tombada pelo Patrimônio Histórico. Fica em localização ideal para tal empreendimento, numa esquina, com portas abrindo para ruas que se cortam em ângulo reto. Dentro da venda, típica de vilarejos que são boca de sertão, há de tudo para suprir necessidades cuja concomitância um cidadão mal consegue imaginar.

É onde se pode pedir aguardente para beber ali mesmo com o cotovelo no balcão. Mas também ficam à vista bonecas de pano; velas, lampiões e lamparinas; farinha, rapadura, quirera e fubá; goiabada de tabuleiro servida em talhadas; cachos de banana pendurados do teto alternando com mantas de toucinho; arreios, corda, enxadas e foices, facões e tachos; fogareiros a querosene e seu combustível; pios de caça; palha de milho para enrolar cigarro; manteiga em lata; botinas ringideiras; groselha e cerveja; balas e paçoquinhas; boiões de vidro com bolinhas de gude; pólvora e cartuchos; sabão de pedra; queijo fresco e curado da região; rolos de fumo; arroz e feijão em sacos de estopa desses que param de pé com as bordas enroladas...

Uma venda como essa recende a fumo de corda, com eflúvios de cachaça e couro curtido. Desatando o devaneio, visualiza-se por ali um menino cismarento – tal como aparece numa rara foto –, logo portador de óculos, ouvindo sem que ninguém lhe preste atenção os “causos”, muitos deles certamente inconvenientes para a escuta infantil, que desenrola a conversa fiada sem fim dos adultos na venda. É assim que o flagra seu tio Vicente, companheiro de folguedos, que apesar de tio antecedia o sobrinho de apenas dois anos.<sup>4</sup> Na venda: nesse misto de foco da

---

<sup>1</sup> ROSA, J. G. “Minas Gerais”. Publicado na revista *Manchete* em 1957 e recolhido em *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

<sup>2</sup> WITKOWSKI, 1992.

<sup>3</sup> ROSA, J. G., 1968.

<sup>4</sup> GUIMARÃES, V., 1972, p. 117.

sociabilidade masculina, central de informações e banco de dados da história oral.

Depois de homem feito e já morando longe, Guimarães Rosa ainda escreveria com frequência ao pai – manancial de sagas sertanejas, a exemplo de Selorico Mendes, pai ilegítimo de Riobaldo – pedindo novas estórias portentosas, bem como confirmação ou pormenorização de antigas, dando como referência o mesmo ponto de encontro. Em lista de doze itens de uma consulta dirigida ao pai, um deles reza: “Descrição de pessoas da roça, as mais interessantes, que vinham à venda, em Cordisburgo.”<sup>5</sup> Já está então em plena elaboração de *Corpo de baile* e de *Grande sertão: veredas*, ambos vindo à luz em 1956. Em nova oportunidade, voltará à carga:

Outra coisa, que muito gostaria de ter, são as lembranças da Venda, em Cordisburgo: *qual a época do ano em que se vendia Mais? quando era que os lavradores dispunham de mais dinheiro, etc.?*<sup>6</sup> (grifo e maiúsculas do autor).

Nessa numerosa correspondência,<sup>7</sup> as solicitações de achegas sobre coisas e pessoas da terra é insistente, e já se faziam notar, ao que se saiba, desde a nova redação de *Sagarana*, que viria a ser publicado em 1946; como nesta, na qual o assunto em pauta é esse livro:

“O sr. irá gostar, e muito, estou seguro, pois nele verá muita coisa do interior, muitas cantigas, como epígrafes (ex.: “Ao meu macho rosado, carregado de algodão, etc.”, “Tira a barca da barreira, etc.”, “Eu quero ver a moreninha tabaroa, etc.”), muita coisa, enfim, que lhe dará boas recordações.”<sup>8</sup>

Na mesma missiva, planeja uma viagem a Cordisburgo para o mês seguinte, utilizando ônibus, trem e montaria, em companhia de um amigo. Convida o pai, que aceita, conforme a carta seguinte registrará. Especifica qual é o intuito que o impele:

...preciso de aproveitar a oportunidade para penetrar de novo naquele interior nosso conhecido, retomando contacto com a terra e a gente, reavivando lembranças, reabastecendo-me de elementos, enfim, para outros livros, que tenho em preparo. Creio que será uma excursão interessante e proveitosa, que irei fazer de cadernos abertos e lapis em punho, para anotar tudo o que possa valer, como fornecimento de cor local, pitoresco e exatidão documental, que são coisas muito importantes na literatura moderna.<sup>9</sup>

A observação mostra como o escritor estava imbuído da melhor doutrina regionalista da época, de que tanto terminaria por tomar distância.

Antes do fim do mês de novembro, a correspondência confirma a anuência do pai e marca datas imediatas para a viagem:

Fiquei muito contente com a ida do Papai, que já deve ir recordando e alinhando lembranças interessantes de coisas vistas e ouvidas na roça – caçadas, etc. – que possam servir de elementos para outro livro, que vou preparar.<sup>10</sup>

Tendo saído *Sagarana*, depois de muitas indagações e respostas do pai, as solicitações agora ultrapassam os meros dados sobre coisas e traços típicos, avançando para anedotas mirabolantes, os quais, embora não faltassem no livro do momento, inçariam toda a obra subsequente. E isso logo no ano seguinte, 1947, tendo-se em mente que a elaboração de *Corpo*

<sup>5</sup> ROSA, V. G., 1983, p. 174. (Ao pai, 27.10.1953).

<sup>6</sup> ROSA, V. G., 1983, p. 179. (Ao pai, Rio, 9.12.1955).

<sup>7</sup> O Arquivo Guimarães Rosa, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP), possui várias cartas do pai ao filho, atendendo aos pedidos.

<sup>8</sup> ROSA, V. G., 1983, p. 159. (Ao pai, Rio, 6.11.1945).

<sup>9</sup> ROSA, V. G., 1983, p. 159-160. (Ao pai, Rio, 6.11.1945).

<sup>10</sup> ROSA, V. G., 1983, p. 160. (Ao pai, Rio, 30.11.1945).

*de baile e de Grande sertão: veredas* lhe tomaria perto de dez anos:

“Da sua [carta], da outra, anterior, ri-me à vontade, com a história do homem que levou os cachorros para a fazenda, e ao fim de um ano voltou... latindo! Por falar nisso, pediria que o senhor me mandasse por escrito, quando tiver tempo, as palavras pronunciadas pelos homens que carregavam o defunto, aqueles que acabaram se sumindo com ele, na estrada, e que eram (Deus nos livre!) dois demônios. Lembra-se da história que o senhor contou? Também as palavras daquela outra história: do homem que apostou que iria buscar um osso no cemitério (– Esse não, que é do meu irmão! – etc.) Não me recordo das palavras que o homem disse, ao entregar o osso aos companheiros. Creio que ele disse: – “Está aqui, e corram, que o dono dele vem aí atrás! Está certo?”<sup>11</sup>

Os pedidos de expansão e amiudamento das informações fornecidas pelo pai, ao mesmo passo esclarecendo como serão aproveitadas, são oportunos para que se compreenda algo dos métodos de criação do escritor:

Mas, o que mais me interessa é a história do Juca Ferreira, aquele que vinha fazendo festas, com a viola, pelo Rio das Velhas, até Pirapema. Lembro-me de que era fazendeiro e tinha tenda de ferreiro, mas mais não sei. Imaginei uma história, tendo-o como personagem, e para isso precisava de saber mais detalhes. Se o senhor se lembrar de alguma coisa a respeito dele e das suas excursões festivas, mande-me, por favor. Também, sempre que se lembrar de cantigas ou expressões sertanejas legítimas, ouvidas de caipiras nossos, de Cordisburgo ou Gustavo da Silveira. E tudo que se refira a vacas e bezeros. Estou escrevendo outros livros. Lembro-me de muitas coisas interessantes, tenho muitas notas tomadas, e muitas outras coisas eu crio ou invento, por imaginação. Mas uma expressão, cantiga ou frase, legítima, original, com a força de verdade e autenticidade, que vêm da origem, é como uma pedrinha de ouro, com valor enorme. Desde já, muito agradeço o que o senhor conseguiu. Mas, não conte a outras pessoas, para que eu possa usá-las em primeira mão. Mas, não se dê muito trabalho, para isso. Quando se lembrar de alguma coisa, tome nota, em qualquer papel, e, quando tiver juntado algumas, mande.<sup>12</sup>

Por volta dessa época, comenta com o pai sua viagem ao Pantanal matogrossense, origem de “Com o vaqueiro Mariano”, publicado em jornal<sup>13</sup> e em edição fora de comércio no mesmo ano, sendo recolhido bem mais tarde em *Estas estórias*.<sup>14</sup> E, no final da década, servindo em Paris, já vai planejando para o pai outra de suas famosas expedições venatórias – mas de caçador de palavras e estórias – para um futuro não tão imediato:

...sonho com o dia em que voltarei ao Brasil, daqui a 4 anos, para então tirar o meu ano de licença-prêmio, e consagrá-lo a viajar pelo interior de Minas: descer o rio das Velhas em canoa, ir a Paracatu, e outras excursões. Agora, por exemplo acha-se aqui em Paris o Dr. Melo Viana, que vai todos os anos caçar onças e outros bichos, naquela região paracatuana, e já me convidou para ir com o grupo, quando estiver no Brasil. Ele é extremamente inteligente, agradável e simpático, e conta-me passagens interessantes, que me fazem lembrar as que Papai narrava, da Serra do Cabral, e que me deixavam com inveja.<sup>15</sup>

Em 1952 estará no Brasil, integrando uma vaquejada com seiscentos participantes profissionais de vários estados nordestinos, como ele encourados a preceito,<sup>16</sup> contando com a presença do presidente Getúlio Vargas e o comando de Assis Chateaubriand, o qual tinha inventado a “Ordem do jagunço”. O evento está na origem de outro texto, desta vez “Pé-duro,

<sup>11</sup> ROSA, V. G., 1983, p. 163. (Ao pai, 26.3.1947).

<sup>12</sup> ROSA, V. G., 1983, p. 163-164. (Ao pai, 26.3.1947).

<sup>13</sup> *Correio da Manhã*, 26 out. 1947.

<sup>14</sup> ROSA, V. G., 1983, p. 164 ss. (Ao pai, 25.11.1947).

<sup>15</sup> ROSA, V. G., 1983, p. 170. (Ao pai, 23.2.1949).

<sup>16</sup> ROSA, V. G., 1983, p. 171-172. (Ao pai, 15.7.1952).

chapéu de couro”, vindo à luz em periódico<sup>17</sup> e no livro póstumo *Ave, palavra*.

Do mesmo modo, a visão de um tucano em Brasília em 1958, quando a capital estava em plena e frenética construção, será aproveitada nos dois contos que abrem e fecham *Primeiras estórias*, intitulados “As margens da alegria” e “Os cimos”, cujo protagonista é alguém denominado simplesmente *o Menino*. Trata-se de uma segunda viagem a Brasília, pois a missiva se refere a uma em janeiro anterior:

...eu acordava cada manhã para assistir ao nascer do sol, e ver um enorme tucano, colorido, belíssimo, que vinha, pelo relógio, às 6 hs. 15’, comer frutinhas, durante dez minutos, na copa alta de uma árvore pegada à casa, uma “tucaneira”, como por lá dizem. As chegadas e saídas desse tucano foram uma das cenas mais bonitas e inesquecíveis de minha vida.<sup>18</sup>

Se os pedidos de informações específicas ao pai são frequentes, não deixa de acusar recebimento e de reconhecer a dívida:

Também fiquei contente por o senhor ter recebido os livros e estar gostando do *Corpo de baile*. Como o senhor não deixará de ter notado, ele está cheio de coisas que o senhor me forneceu naquelas cartas e notas, extremamente valiosas para mim. Falando nisto, agora eu estou justamente relendo as mesmas, e passando para um caderno, classificadas e em ordem, todas as informações, para serem aproveitadas em futuros livros.<sup>19</sup>

Nada desprezível contribuição do pai ao estilo do futuro autor é seu próprio onomástico. Enquanto Guimarães Rosa saíra da pia batismal como um corriqueiro João, sendo em criança chamado de Joãozinho e Zito, seu pai, bem à maneira brasileira dos miríficos prenomes até então inéditos no registro civil, chamava-se *Florduardo Rosa*. Podemos presumir que a ruminância imaginosa de um tal nome contribuiu para deflagrar os processos lexicogênicos de que o escritor é mestre. Qualquer um – não é mesmo? – juraria que um nome como esse só pode ser invenção de um grande criador vocabular. Pois não é. Tão germânico em sua vetusta origem quanto Eduardo, Hermengarda, Luitgarde, etc, apresenta uma corruptela de Flodoardo (*frod+hard* = prudente e forte), que também resultou nos sobrenomes franceses de Frouard e Froard. O mais célebre portador do nome foi um dos *chroniqueurs*, sacerdote da catedral de Reims e historiador francês do século X. Só que, nestas plagas, Flo-, perdida a carga semântica original, foi assimilado a Flor-. Tomados juntos, prenome mais sobrenome telescopados (Flor + Rosa) ressoam na armação do nome da menina “turca” filha de Seu Assis Wababa, *Rosa’uarda*, que duplica “rosa” em português e árabe, em *Grande sertão: veredas*. Mas a homenagem maior ficaria por conta de “Recado do morro”, em *Corpo de baile*, que assim batiza um dos dois padres missionários, pertencentes à ordem franciscana e conhecidos como capuchinhos, desses que andam aos pares em missões de reavivamento pelo sertão,<sup>20</sup> como no episódio de Maria Mutema, naquele romance. Costumavam ser alemães ou provindos dos estados do sul do país, onde predominavam os daquela origem, já que eram louros, fortes, corados, falando com sotaque e entendendo a língua de Seu Olquiste. O que, se não se coaduna com o biótipo do pai, combina com a cepa germânica do onomástico: “...vinham chegando os frades – frei Sinfrão e frei Florduardo – evinham enérgicos”.<sup>21</sup> Sendo que o parceiro de Florduardo era “...um frade louro – frei Sinfrão – desses de sandália sem meia e túnica marrom, que têm casa de convento em Pirapora e Cordisburgo”.<sup>22</sup>

<sup>17</sup> *O Jornal*, 28 dez. 1952.

<sup>18</sup> ROSA, V. G., 1983, p. 187. (Ao pai, 5.7.1958).

<sup>19</sup> ROSA, V. G., 1983, p. 179. (Ao pai, 5.7.1956).

<sup>20</sup> SILVA, 1982.

<sup>21</sup> ROSA, J. G., 1956, v. II, p. 438.

<sup>22</sup> ROSA, J. G., 1956, v. II, p. 388.

Anotações dos verdes anos vividos nos sertões de Minas permeiam toda a obra,<sup>23</sup> onde se infiltram lances devidos a uma incontável comparsaria infantil. E à súbita descoberta da miopia, simultânea à revelação da beleza do mundo quando estreou óculos, a crítica tem atribuído a acuidade da narração de experiência similar no protagonista do conto “Miguilim” – verdadeira epifania que foi.<sup>24</sup>

E por essas várias vias Guimarães Rosa vai urdindo seu imaginário.

## Referências Bibliográficas

*CORREIO da Manhã*, 26 out. 1947.

GUIMARÃES, Vicente. *Joãozinho* – Infância de João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: José Olympio / INL, 1972.

LARA, Cecília de. Rosa por Rosa: memória e criação. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, USP, Ano 30, n. 41, 1996.

*O JORNAL*, 28 dez. 1952.

ROSA, João Guimarães. *Corpo de baile*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956, Vol. II.

ROSA, João Guimarães. Minas Gerais. In: *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

ROSA, João Guimarães. O verbo & o logos. In: *Em memória de Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

ROSA, Vilma Guimarães. *Relembraimentos: João Guimarães Rosa, meu pai*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

SILVA, Cândido da Costa e. *Roteiro da vida e da morte* – Um estudo do catolicismo no sertão da Bahia. São Paulo: Ática, 1982.

WITKOWSKI, Ariane. Portrait du Minas Gerais par un mineiro. In: COLÓQUIO CONFLUENCES: CHEMINS DE VIE ET DE CRÉATION, 1992, Paris. *Anais...* Paris: École Normale Supérieure, Fontenay-aux-Roses, maio 1992.

## Resumo

A obra de Guimarães Rosa deixa transparecer sinais da construção de seu imaginário. Uma das chaves desse processo pode ser buscada na correspondência do escritor com o pai, revelando-se este último um manancial de torneios verbais, tipos humanos e anedotas sertanejas.

## Abstract

The writing of Guimarães Rosa keep traces of the elaboration of its imaginary world. A key to this process can be searched in the correspondence between the writer and his father, in which the latter is taken as a source of verbal manner, human types and backlands anecdotes.

<sup>23</sup> LARA, Ano 30, n. 41, 1996.

<sup>24</sup> GUIMARÃES, V., 1972, p. 16-17.